

A COPA DO PARADOXO

Por: *Claudio Lessa*

Brasília (DF) - O ano era 1970. A seleção brasileira ia disputar a Copa no México. Em casa, estávamos fartos de ter que levantar para ajustar a imagem da tevê, que rolava a qualquer variação de voltagem. O botão do vertical era o inimigo público número um de todos. De repente, a Philips surge com uma novidade: a Stabilimatic, que acabava com a necessidade de ficar ajustando o vertical a cada dois, três minutos. A imagem continuava sendo em preto e branco, mas pelo menos se conseguia assistir à partida sem usar calça de Nycron, aquela que nunca perde o vinco depois do senta-levanta, senta-levanta.

Em 1970, Pelé deu uma antológica cotovelada na cara de um jogador adversário, depois de se cansar de ser puxado e empurrado pelo féla. Ladino, cometeu o crime quando o juiz estava de costas. Não havia uma profusão de câmeras pelo estádio, e o lance só foi divulgado depois em filme.

Estamos em 2010, na chamada Copa do Mundo das Imagens. O advento da alta definição – e, para os mais abonados, da terceira dimensão – deu um novo alento às transmissões, mesmo de partidas que, no gramado, deixam a desejar tecnicamente. É luxuriante o nível de detalhe, a riqueza das cores, o super slow motion, a spider cam que voa sobre o campo.

Os narradores estão sempre lembrando a existência de pelo menos 32 (trinta e duas, você leu corretamente) câmeras pelo estádio

ligadas a poderosos computadores que captam todo e qualquer lance, todo puxão, cama de gato, empurrão, tostão, impedimento. Os gols são registrados em inúmeros ângulos, e repetidos instantaneamente em velocidade normal, câmera lenta e em super slow motion. Para quem respirou aliviado quando a Stabilimatic surgiu dentro de casa, em 1970, assistir à Copa de 2010 é estar no paraíso.

É a partir desse cenário que não é possível compreender, sob qualquer justificativa, a ausência de novas regras da Fifa destinadas a permitir que os treinadores dos dois times, ainda que exclusivamente na Copa do Mundo, tenham a oportunidade de, cada um, solicitar a revisão instantânea de lances que possam prejudicar seus times.

A justificativa de que o juiz em campo é a suprema e incontestável autoridade não se sustenta, já que existe o quarto árbitro e que diversas ocorrências rendem punições aos donos do apito. A rodada de sexta-feira foi particularmente emblemática para demonstrar essa Copa do Paradoxo, onde a quase-perfeição tecnológica foi alcançada, evidenciando cada vez mais a condição humana da arbitragem em campo e suas conseqüentes imperfeições.

No jogo da Alemanha contra a Sérvia, foi evidente o prejuízo causado pela expulsão de Klose. Pudessem o treinador solicitar uma revisão instantânea do lance (num limite de três para cada lado a cada tempo de jogo), seu time certamente não ficaria sem o principal jogador, permitindo que a partida tomasse outros rumos. No embate que se seguiu, entre Estados Unidos e Eslovênia, o gol de desempate – absolutamente legítimo – foi invalidado por um juiz mal posicionado em campo. Uma rápida revisão instantânea mostraria o erro cometido e o gol seria validado, dando vantagem aos norte-americanos.

O que sobra dessas decisões equivocadas? O juiz estava mal posicionado ou estava mesmo mal intencionado, assim como o que se apressou em expulsar o alemão Klose? O que sobra é a sensação de uma corrupção silenciosa praticada pelos dirigentes da Fifa e seus asseclas distribuídos pelas federações dos vários países-membros. A manutenção do ignominioso espírito do “deixa xingar a mãe do juiz” ainda é uma enorme porta aberta para a roubalheira num esporte que deveria privilegiar os melhores, e não os mais bem conectados.

E... de 100ml em 100ml a cada três horas, continuamos torcendo, rumo ao hexa.

DUNGA: O NOVO BRIZOLA

Por: *Eliakim Araujo*

Dunga não é, de fato, pessoa das mais simpáticas. É folgado, provocador e não tem papas na língua, embora não se possa negar sua dedicação ao ofício de treinador da seleção nacional. Dunga está na berlinda nesta segunda-feira depois de sua explosão de maus modos com um repórter da Globo que falava ao telefone enquanto ele respondia perguntas de outros repórteres na coletiva de imprensa após o jogo com a Costa do Marfim.

Se Dunga não é persona grata da imprensa, por outro lado é verdade indiscutível que boa parte dos jornalistas brasileiros se acham (é plural mesmo) acima do bem e do mal, se julgam superiores ao comum e mortal ser humano, sobretudo a garotada mais nova. Se acham donos da verdade e os sabichões do momento. Falam o que querem de pessoas ou instituições que não dispõem de um espaço na mídia para se defender.

Esse breve perfil do jornalista brasileiro ganha novos contornos quando falamos daqueles que trabalham na Globo. Esses chegaram ao Olimpo e o crachá que usam muitas vezes abre portas proibidas aos jornalistas de outras emissoras. É comum que tenham prioridade em entrevistas e eventos. Os demais ou são preteridos ou têm que esperar até que o colega global termine seu trabalho.

Não só a Globo, como as demais emissoras fazem vista grossa quando seus profissionais conseguem superar a concorrência mesmo que façam uso de expedientes aéuticos.

Todo mundo se lembra do que a Globo fez com Leonel Brizola. Durante seu primeiro mandato no Estado do Rio de Janeiro, de 1982 a 1986, não havia um só dia em que o velho Cid Moreira, com sua grave e empostada voz, não abrisse o noticiário da cidade com a célebre frase: "A violência no Rio". E aí vinham as estatísticas das ocorrências policiais da cidade naquele dia.

Isso era feito diariamente, um verdadeiro massacre, que resultou na derrota de Brizola na eleição presidencial de 89, por um lado. Por outro, no esvaziamento econômico do Rio com a fuga de empresas para São Paulo. A campanha do JN foi tão perfeita que até hoje muita gente desinformada de SP, ou até mesmo do Rio, prefere simplificar: "ah, quem acabou com o Rio foi o Brizola".

Não sabemos exatamente o que aconteceu entre Dunga e o repórter da Globo, é preciso investigar se já havia alguma animosidade entre os dois em razão de incidente anterior, é regra do bom jornalismo ouvir as duas partes. De qualquer maneira,